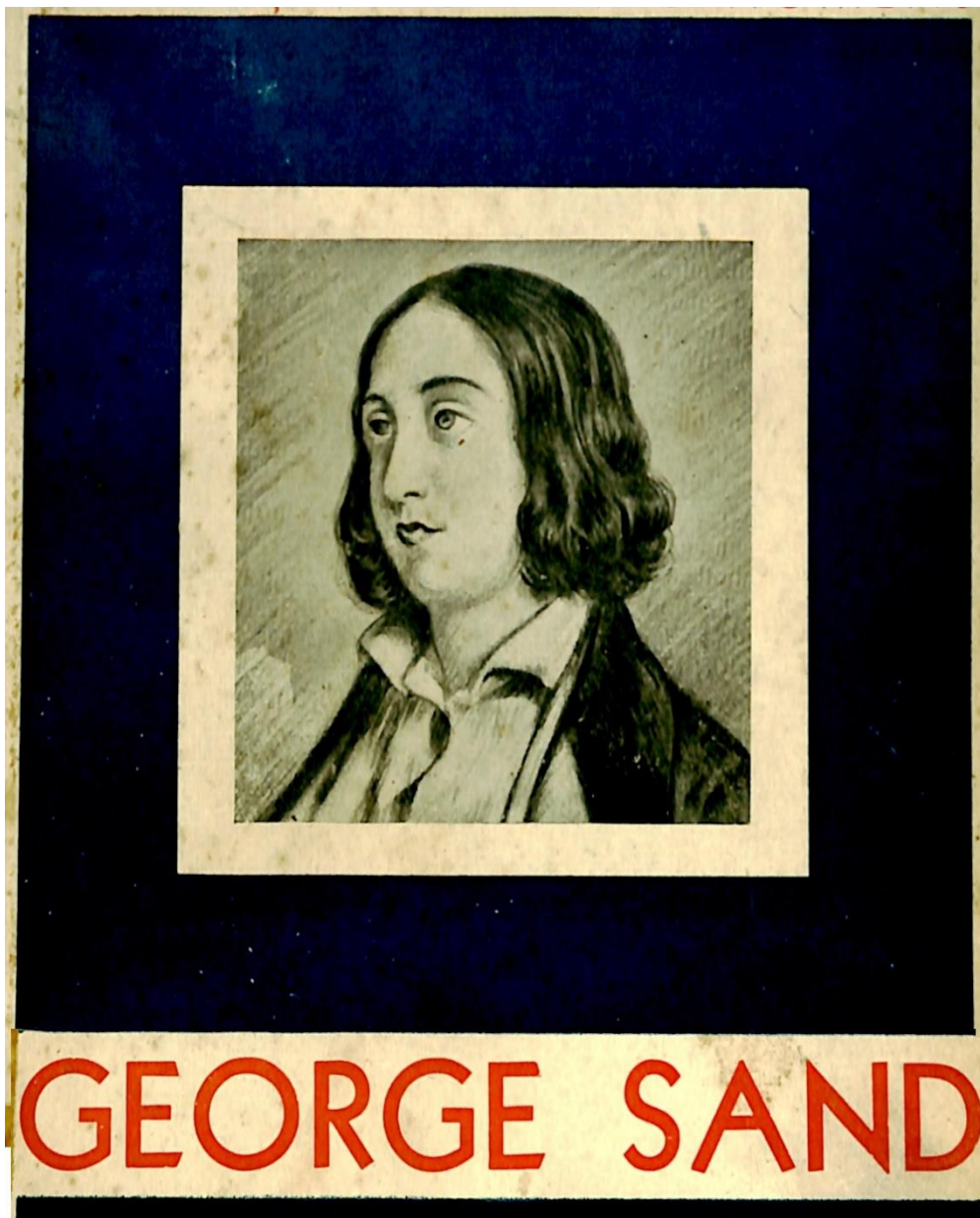


## O FEMINISMO ENGAJADO DE GEORGE SAND EM INDIANA GEORGE SAND'S PASSIONATE FEMINISM IN INDIANA

**RESUMO:** Amandine Aurora Lucile Dupin é o nome real da célebre escritora francesa do século XIX conhecida por seu pseudônimo, George Sand, e admirada por seu caráter indômito e por seu talento inegável. Sua reação feminista se manteria no decorrer de toda a sua vida. George Sand é um dos grandes nomes da literatura francesa, imortalizada através de um vasto conjunto de obras que produziu ao longo de sua vida. Foi, acima de tudo, uma mulher que soube se valer de seu status como uma forma de lutar pela igualdade de direitos entre homens e mulheres.

**ABSTRACT:** *Amandine Aurora Lucile Dupin is the real name of the famous French writer from the 19th century known by her pseudonym, George Sand, and admired for her indomitable character and undeniable talent. Her feminist impulse would continue throughout her life. George Sand is one of the greatest names in French literature, immortalized through a vast set of works she produced throughout her life. She was, above all, a woman who knew how to use her status as a way to fight for equal rights between men and women.*



## 1. GEORGE SAND: VIDA E OBRA

LETÍCIA PEREIRA PIMENTA  
PÓS-DOCTORA EM DIREITO / UFRGS  
ASSOCIADA DO IHGRGS

De origem aristocrática pela família paterna, Amantine-Aurore Lucile Dupin nasceu em 1º de julho de 1804 em Paris, um mês antes do casamento de seus pais, Maurice Dupin e Sophia-Victoire Delaborde, uma atriz de teatro. A avó, Marie Aurore de Saxe, após o casamento Marie-Aurore Dupin, era filha do marechal Maurice de Saxe, o conde de Saxe. Seu tataravô Frédéric-Auguste foi rei da Polônia. Todas as mulheres da família era batizadas como Aurore, em homenagem à tataravó de Sand, Aurore de Koenigsmark.

Após a morte de seu pai, a guarda de Amantine foi disputada entre sua mãe e sua avó Mme. Dupin de Francueil. Amantine acabou sendo criada por sua avó em Nohant. Jean François Deschartres, instrutor de Maurice Dupin, tornou-se responsável pela educação da garotinha. Deschartres vestia Amantine, quando criança, com roupas masculinas para que pudesse correr pelos campos e caçar. Quando adolescente, Amantine estudou em Paris dança, escrita e desenho. Apreciava também a literatura e a música. Devido às intensas discussões com sua avó, que se considerava deísta e rejeitava todos os dogmas e formas de religião, Amantine foi internada, aos 14 anos, em 12 de janeiro de 1818, no convento das Dames augustines anglaises, em Paris, no qual permaneceu por dois anos antes de retornar a Nohant, onde estudou inglês e italiano.

Em 26 de dezembro de 1821, morre Mme. Dupin de Francueil, deixando consignado em seu testamento o desejo de que René Vallet de Villeneuve, seu primo, se tornasse o tutor de Amantine. Porém, sua mãe, Sophie-Victorie, que era extremamente católica, se opõe a tal desejo e retorna a Paris com Amantine, não permitindo que ela praticasse a leitura ou possuísse qualquer livro, o que tornou a vida das duas insustentável.

Na primavera de 1822, Amantine e Sophie-Victorie foram visitar James e Angèle Roëttiers, em Plessis-Picard, e acabaram lá permanecendo por cinco meses, período em que James convenceu Sophie a lhe confiar Amantine. Em 19 de abril de 1822, Amantine conhece Jean-François Dudevant, mais conhecido como Casimir Dudevant, homem de pouca educação, com o qual se casou em 17 de setembro de 1822. Amantine não foi feliz no matrimônio, uma vez que os cônjuges não tinham afinidade alguma. Tudo isso a levou a pensar em um amante, em um marido ideal.

No ano seguinte, teve seu primeiro filho, Maurice. Amantine começou a escrever a partir de 1831, ano em que começa a utilizar por pseudônimo G. Sand e, posteriormente, George Sand. Após oito anos de matrimônio, solicitou ao seu marido a separação, uma vez que àquela época não existia o divórcio.

Instalada em Paris, começou a colaborar com o jornal Le Figaro, onde conheceu o escritor Jules Sandeau, com quem se casaria. Sandeau, junto com a avó de Amantine, lhe apresentariam o mundo da literatura. Neste período crítico, teve problemas econômicos, e em face disso, ambos escreveram Rose et Blanche. Aproveitou também para escrever suas novelas, que vendia com Sandeau para sobreviver, mas sobremaneira escreveu sua novela, **Indiana**. Em parceria com Sandeau publicaria suas obras assinadas com sob o pseudônimo de Jules Sand. Em Paris, forjou um círculo de amizade com pessoas eminentes da época que incluía artistas, intelectuais e políticos; entre eles, o escritor Honoré de Balzac, o poeta Gustave Flaubert, o compositor Franz Liszt e o pintor Eugène Delacroix.

Talvez a eleição do nome masculino seja devido à necessidade de forjar uma personalidade. Em uma época em que o movimento em prol da libertação da mulher nem sequer havia se consolidado, supôs que tal nome lhe daria mais autoridade em seu engajamento na causa feminista. Sua postura viril se deu devido ao fato de ter perdido o pai ainda menina e em face do preceptor Deschartes que lhe deu uma educação masculina.

Sand não causou escândalos apenas com suas novelas; também o fazia quando usava calças. Enquanto as mulheres da mesma posição social que ela vestiam-se com espartilhos e anáguas, Sand preferia a simplicidade das calças e camisas. Desde 1800, existia em Paris uma lei que proibia as mulheres de usarem roupas masculinas em público, e quem desejasse deveria se registrar na prefeitura e explicar o motivo que exigia mudança no guarda-roupa. Evidentemente, Sand se recusou a fazer tal registro. Seu gosto pelos trajes masculinos remonta à adolescência, devido à sua paixão por montar a cavalo, eis por que as calças pareciam mais práticas. Ela também chocava a sociedade e era razão de charges irônicas porque tinha a ousadia de fumar em público.

Manifestava-se contra qualquer autoridade masculina, lutando para libertar as mulheres desse jugo e lhes assegurar a liberdade sobre seus corpos e sentimentos, vindo a exercer influência considerável sobre os costumes da época. Católica a princípio, tornou-se socialista e lançou-se num movimento revolucionário e, após o malogro deste, conservou seu prestígio sem lesar suas ideias.

A partir de 1836 começa a inspiração social da escritora. Influenciada por Pierre Lerroux, Lammenais e Michel de Bourges, participa assim da vida política. Suas novelas são testemunho disso. Leroux pretendia estabelecer uma religião da humanidade, suprimindo os privilégios e reivindicando em prol da mulher. A este personagem se deve a primeira acepção francesa do termo socialismo.

George vê em Lerroux seu mestre, e procura difundir seu evangelho socialista. Em 1844, afirmava: “Eu não sou senão o vulgarizador com uma pluma diligente [...] que procura traduzir em romances a filosofia do mestre”. (DUPIN, 1883, p. 293) Sua infância, às voltas com sua mãe, proletária, e com sua avó, a Mme. Dupin de Francscueil, a fez sentir o conflito de classes, a polaridade dos mundos, a sociedade. E, também, em razão do fracassado casamento com o Barão Dudevant que a induziu a refletir sobre a desigualdade de condições e a sobre a liberdade das paixões.

Mas sua principal inquietação é a condição da mulher, a quem queria ver liberta de sua inferioridade. Foi a primeira a introduzir o problema na literatura novelesca. A literatura de Sand fez dela o “verdadeiro porta-voz das mulheres desgraçadas, incompreendidas e sublevadas contra a sociedade que as oprime” (PICARD, 1947, p. 178).

George Sand escreveu de forma contínua entre 1830 e 1876 diversos gêneros literários: romances campestres, socialistas e sentimentais, contos, peças de teatro, artigos críticos publicados em jornais e ensaios políticos, textos autobiográficos e diversas correspondências. A escrita de Sand é um marco na história do romantismo francês, sendo referência em relação aos direitos da mulher, especialmente no tocante ao prazer, e à igualdade de direitos com relação aos homens.

George Sand deixou numerosas correspondências e as pessoas para quem ela enviava as cartas guardavam-nas, e estes registros de próprio punho serviram para que se soubesse mais acerca de sua vida amorosa. George Sand era uma mulher à frente de seu tempo. Conhecida por seus vários romances com pessoas famosas da época, é tida como o gênio da literatura feminina do período. Suas obras chegam a 110 volumes. Inicialmente

escrevendo ficção romântica, voltou-se depois para as novelas de caráter social e, durante longo lapso, escreveu novelas pastorais que se converteram em literatura clássica. A autora adotou um estilo de vida que chocou a sociedade parisiense.

George Sand é a primeira mulher a usar o gênero autobiográfico e a primeira mulher que comprometeu em falar e publicar sua vida, em *Histoire de ma vie*. Em *Valentine* (1832), se encontram muitas passagens acerca dos vícios de nossas instituições e sobre a reforma do matrimônio. Em *Jacques* (1834), a autora defende o direito da mulher a ter múltiplos amores. Na reedição de *Lélia*, acrescenta um terceiro volume, em que um novo personagem Esméo representa o socialismo. Ao mesmo tempo, atenua as blasfêmias de *Lélia* contra a religião, eis que estava sob o influxo de Lammenais, uma matriz do catolicismo em seu socialismo incipiente. Sua obra, *Sept Cordes de la Lyre*, foi publicada no Brasil pelo socialista Antônio Pedro de Figueiredo em 1847.

George Sand faleceu em 08 de junho de 1876, em Nohant, na França. Alguns de seus romances se transformaram em filmes e séries de TV, como *Mauprat*, *Les Beaux Messieurs des Bois Dorées*, *La Petite Fadette*, *La mare au Diable*, *Les enfants do siècle*, entre outros. Considerada a maior escritora francesa e a primeira a viver da literatura, marcou época. Seus restos mortais e de quase toda sua família se encontra em um pequeno cemitério ao lado de sua casa em Nohant. Na ocasião de sua morte, Victor Hugo escreveu: “Eu choro uma morte, e saúdo uma imortal.”

## 2. O LEGADO INTELECTUAL DE GEORGE SAND

A partir de 1832, com a publicação de **Indiana**, Amantine passa a utilizar o pseudônimo George Sand. Foi contudo com a publicação de *Lélia* que Sand se notabilizou, tornando-se reconhecida nacional e internacionalmente. Dada a imensa variedade epistolar da escritora, seis cartas redigidas no lapso de quinze anos, entre 1821 e 1836, chamam a atenção devido à sua grande carga social e cultural, por causa da evolução do pensamento de Sand sobre temas como o matrimônio, a maternidade e o papel da mulher na sociedade. Tais temas aparecem em **Indiana**, *Valentine* ou *Lélia*, nas quais a autora trata de dessacralizar o matrimônio, dissipar a obediência da esposa em relação ao marido, e a submissão da mulher relativamente ao mundo patriarcal.

Na ficção, Sand descreve personagens femininos poderosos e independentes, em que pese na vida real a escritora vá mais além ao superar as barreiras que se interpõem como esposa e mãe e ao tomar posse de um nome andrógino em francês George, que lhe permite enganar o público sem dar a conhecer seu gênero nem seu sexo. (GARCIA, 2020, p. 391)

Ao buscar converter-se em algo mais que uma escritora, a autora se camufla sob a ambiguidade de seu nome e sua atitude, e se mantém à margem das regras sociais que lhe ditam o que fazer ou como se comportar uma mulher do século XIX e escapa aos estereótipos que a envolvem. Nas cartas que escreveu, transitava entre o feminino e o masculino.

George Sand, justamente, constitui o próprio exemplo da posição sempre fronteiriça, mesmo no seu caso, de uma “mulher escritor”. De início, por sua determinação:

ela tinha, no convento, a “gana de escrever” e realizou sua ambição, contra a vontade dos seus e principalmente de sua avó. Depois, pela escolha de um pseudônimo masculino [...] A ausência de s em George seria de uma vontade andrógina? É provável que ela tenha procurado escapar da obscura corte das “mulheres autoras” para inscrever-se na gloriosa linhagem dos grandes escritores. (PERROT, 2007, p. 98)

Muito antes do que se pudesse efetivamente falar em um feminismo francês propriamente dito, Sand já militava como mulher. Tanto na vida real como na literatura, a mulher é vista por Aurore como igual ao homem e inclusive superior sob certos aspectos. No que tange à equiparação dos sexos, Sand recorre às mulheres republicanas que na França revolucionária solicitaram que os ideais de liberdade, igualdade e fraternidade se aplicassem a todo e qualquer ser humano. O advento na Inglaterra de 1792 de uma obra de peso como a de Mary Wollstonecraft resultava impensável na França, que demoraria para que o movimento feminista se organizasse, dada a oposição da Igreja, que o considerava um óbice à família patriarcal. Ante esta tese, Sand defendeu abertamente o amor livre em oposição ao vínculo marital.

Romancista, crítica e ensaísta, desempenha um papel fulcral na vida política da época, sobremaneira pela representatividade dos ideais feministas em suas obras. Amantine é considerada uma das precursoras do movimento em prol da igualdade entre os sexos, direito este que só será assegurado pela Constituição francesa de 1946. Sand faz uma poética engajada que repercute pelos quatro cantos.

Excluída da cidadania política, a autora que chegou a participar de reuniões na Câmara dos Comuns em Paris disfarçada de homem, se opôs ao discurso frenológico de então, que estipulava uma pretensa diferença entre os gêneros, e que fez com que o público e o privado fosse definido por falácias naturalistas. Em meio a lutas, publicações e perseguições que George Sand passa a ser conhecida e requisitada nos meios políticos.

Até o final do século XIX, a escrita feminina era considerada um tabu ante a publicação massiva de obras de autoria masculina. O direito de expor seus pensamentos e opiniões diante da sociedade foi sendo conquistado a duras penas. No transcorrer do século XIX, o universo das mulheres esteve circunscrito ao âmbito familiar. Como boas mães e esposas, esperava-se que se dedicassem ao lar e não aos estudos, muito menos à escrita. Poucas foram as mulheres que publicaram suas obras fazendo uso de seu verdadeiro nome, e Sand não foi uma exceção. Muitas recorreram ao anonimato, abreviaturas, nomes sem gênero marcado e também ao pseudônimo masculino como estratégia para publicação de suas obras. Essas mulheres corajosas enfrentaram um duplo preconceito: o de serem mulheres escritoras e o de serem escritoras mulheres.

Zolin demonstra que Sand não foi a única, em sua época a denunciar a opressão da mulher e a publicar por meio de autoria anônima. Após a primeira onda feminista, a profissão de escritor não estava mais restrita ao sexo masculino. Houve aquelas que obtiveram sucesso ao publicar com seus verdadeiros nomes, entretanto em meio a muitas dificuldades.

O acesso à escrita, domínio sagrado, é também uma zona de afrontamentos e de controvérsias [...]. A “mulher autora”, esta “pretensa literata” detestada, atrai para si todos os sarcasmos. Uma mulher que escreve, e sobretudo, que publica, é uma mulher desnaturada que prefere abrigar-se sob um pseudônimo masculino.

Seu sucesso provoca escândalo: ele é depreciado. (PERROT, 1998, p. 271)

No século XIX, as mulheres que escreviam, que almejavam viver da literatura, que buscavam ter a escrita como profissão eram feministas, eis que só o desejo de sair da redoma doméstica já indicava uma cabeça pensante e um desejo de subversão. A literatura feminina, então, esteve ligada sempre a um feminismo incipiente. Historicamente, o discurso androcêntrico reforçou a ideia de uma pretensa inferioridade intelectual feminina e, deste modo, pode-se dizer que “a figura da autora foi deformada [...] e para se chegar a ela é preciso ler através das ocultações que apontam conflitos sincrônicos entre as representações de sua desfiguração e sua afirmação pela escrita. (TELLES, 1992, p. 45-46) Consoante Lemaire,

a história literária, da maneira como vem sendo escrita e ensinada até hoje na sociedade ocidental moderna, constitui um fenômeno estranho e anacrônico. Um fenômeno que pode ser comparado com aquele da genealogia nas sociedades patriarcais do passado: primeiro, a sucessão cronológica de guerreiros heróicos; o outro, a sucessão de escritores brilhantes. Em ambos os casos, as mulheres, mesmo que tenham lutado com heroísmo ou escrito brilhantemente, foram eliminadas ou apresentadas como casos excepcionais, mostrando que, em assuntos de homem, não há espaço para mulheres “normais”. (LEMAIRE, 1994, p. 58)

Sendo assim, por longo tempo a literatura feminina foi uma literatura de margem, isto é, esteve à parte das grandes obras canônicas, salvo algumas exceções. O que ocorre é que, ignoradas por tanto tempo ou recebendo um papel secundário no plano cultural, firmou-se a ideia de que as mulheres não tinham produções intelectuais ou literárias de qualidade.

O exercício da escrita foi, para as mulheres do século XIX, uma forma de romper os limites entre o privado e o público, sendo o primeiro o único local aceitável para uma mulher. A luta pela conquista do espaço feminino naquele contexto deu-se em duas frentes: a primeira estava relacionada à necessidade de instrução das mulheres; a segunda, a utilização da escrita para falar por si. Isso porque, naquele período, já havia um discurso masculino que falava pela mulher antes que ela mesma o fizesse. “O homem, no caso, pensa e elabora a fala da mulher segundo seu próprio ponto de vista, sendo, portanto, sujeito do discurso na medida que constrói a imagem feminina de acordo com a ideologia dominante em cada época, sempre sob a ótica masculina”. (PAIXÃO, 1991, p. 13)

A escrita transforma-se, assim, em uma forma da mulher sair da clausura, e de adentrar no campo libertário – e ao mesmo tempo clandestino – das palavras. Rompe-se, paulatinamente, o silenciamento em torno da literatura escrita por mulheres no século XIX. Ria Lemaire assevera que

a política da edição do texto único, verdadeiro e autêntico, é uma parte essencial dessa tendência de definição da paternidade cultural. Por este motivo ainda, muitos textos medíocres foram incluídos no cânone

e usados na consolidação do mito da continuidade e unidade de uma tradição masculina que dataria dos tempos de Homero. Por esta mesma razão, as literaturas não-ocidentais, assim como a contribuição feminina, foram, até muito recentemente, excluídas do cânone e das discussões acadêmicas. A história literária tem sido – com pequenas exceções – fundamentalmente etnocêntrica e viricêntrica. (LEMAIRE, 1994, p. 60)

De acordo com Zinani, a crítica feminista desenvolveu-se com maior precisão somente na segunda metade do século XX, e deu-se basicamente em duas linhas:

[...] uma visa ao resgate de obras escritas por mulheres e que, no decorrer do tempo, foram relegadas ao ostracismo; a outra tem por meta fazer uma releitura de obras literárias, independentemente da autoria, considerando a experiência da mulher, ou seja, procura detectar, através do estilo, da temática e das diferentes vozes do texto, a relevância da voz feminina e os traços de patriarcalismo que perpassam a obra. (ZINANI, 2012, p. 407)

O resgate e a análise das autoras silenciadas pela história permitiram redimensionar os parâmetros de inclusão do cânone. Isto é, a crítica feminista corroborou para a discussão da historiografia das obras canônicas, eis que levantou “questões para o apagamento de autoras cuja produção apresentava qualidade estética suficiente para referendar sua inclusão nessa categoria.” (ZINANI, 2012, p. 414)

Deste modo, pode-se afirmar que a literatura feminina ainda permanece à margem, quer pelo pequeno número de escritoras estudadas, quer pelo apagamento das autoras de séculos mais distantes. Ainda nos dias de hoje uma mulher escrevendo ainda representa uma transgressão. A crítica feminista, marginalizada, cumpre um papel de resistência e luta pela recuperação de nomes esquecidos ou pouco valorizados.

No feminismo, pensamento e ação juntam-se com vistas à construção de uma presença cada vez maior da mulher no espaço público, à denúncia da hegemonia masculina, à revisão dos papéis tradicionais de homem e de mulher, ao abalo da moral patriarcal. Até que ponto as demandas feministas pavimentam o caminho da desconstrução? E até que ponto este pensamento deixa suas marcas nas teorias feministas? DUARTE; DUARTE; BEZERRA, (2002, p. 14)

Então por que recordar George Sand? Porque se trata de um caso emblemático de como o discurso patriarcal tolhia (e ainda tolhe) a ação feminina no campo das artes. Ao publicar **Indiana**, Jules Sandeau não concordou em assinar o livro cuja autoria não lhe pertencia, e devido às represálias e perseguições possivelmente sofridas. Para tanto, aludia ao anonimato. Consoante Sand,

O nome que eu deveria colocar nas capas impressas não me preocupava muito. Em todos os casos, havia resolvido guardar o anonimato. Uma primeira obra foi esboçada por mim, e refeita juntamente com Jules Sandeau, para Delatouche dei o nome de Jules Sand. Essa obra levou um outro editor a pedir um outro romance sob o mesmo pseudônimo. Havia escrito **Indiana** em Nohant, desejei entregá-lo com o mesmo pseudônimo, mas Jules Sandeau, por modéstia, não quis aceitar a paternidade de um livro que ele desconhecia totalmente. (DUPIN, 1876, p. 107)

Propor-se a ser reconhecida no meio literário por intermédio de um nome masculino justifica-se dado o contexto em que se inseria. O pseudônimo estava intrinsecamente vinculado à sua identidade. De acordo com Sand,

O que é um nome em nosso mundo revolucionário e revolucionador? Um número por aqueles que trabalham e combatem. Fiz, sozinha e para mim mesma, uma reflexão tardia sobre aquele que me deram para meu trabalho. Jamais explorei o trabalho de outro, nem comprei, nem peguei emprestado uma página, uma linha que seja. Dos sete ou oito mil francos que ganhei durante vinte anos, não me restou nada, e hoje, como há vinte anos, eu vejo, no dia-a-dia, esse nome que protege meu trabalho e esse trabalho do qual não fiz reserva de uma moeda. Eu não sinto que alguém tenha alguma reprovação quanto a mim, e sem ser orgulhosa de qualquer coisa (não fiz nada além da minha obrigação), minha consciência tranquila não vê nada para mudar no nome que a designa e a personifica. (DUPIN, 1876, p. 109)

O feminismo quem forjou o espaço da mulher nas artes. (PERROT, 2007, p. 324) Perrot preleciona que George Sand é a grande figura da mulher emancipada do século XIX, a qual buscava se engajar no meio político apesar dos impedimentos, defendendo a participação das mulheres em um meio androcêntrico e excludente. Analisar o romance **Indiana**, de George Sand, implica em dar visibilidade a uma das precursoras do feminismo na literatura, afirmando seu lugar de relevância e o impacto de suas publicações para as conquistas femininas.

### 3. O PAPEL DA MULHER EM INDIANA DE GEORG SAND

A primeira obra literária de George Sand é marcada notadamente por fortes características românticas, sobremaneira, pela presença do mal do século que assola fortemente a protagonista, a qual busca em meio à natureza alívio e consolo para seu constante sofrimento. Para constituir a defesa da mulher na respectiva obra, a autora buscou contextualizar o meio em que a protagonista está inserida, cujo ambiente se caracteriza por uma certa monotonia que se encontra desde a estação em que se encontra até o estado psíquico dos personagens.

**Indiana** é seu primeiro romance, no qual a autora empreende com imensa sensibilidade uma trama repleta de sentimentalismo, tomada de uma linguagem eloquente



e realista, cujo principal mote é a crítica à sociedade patriarcal, sobremaneira à forma com que a mulher era tratada no matrimônio. “Romance dentro da história, romance de 1830, **Indiana** é muito mais que um romance de tese que denuncia a opressão das mulheres dentro do casamento”. (BORDAS, 2004, p. 147) **Indiana** é uma das primeiras obras literárias que registram uma escrita de autoria feminina e discurso em defesa da emancipação da mulher e da igualdade de gênero.

Até o século XIX, a representação da mulher nos cânones literários era marcada pela subserviência. Neste contexto, começa a emergir a escrita literária feminina, que emerge da marginalidade colocando em questão as circunstâncias sócio históricas nas quais as mulheres se encontravam. Em romances de autoria masculina, as mulheres ocupavam posição secundária. As personagens femininas se encontravam vinculadas a papéis social e culturalmente construídos, de acordo com as convenções patriarcais. Zolin assevera que, além de tradicionalmente construídas, as personagens eram “submissas, dependentes, econômica e psicologicamente do homem”, o que se modifica ao ser retratadas em obras literárias de autoria feminina, nas quais são “engendradas como conscientes de sua condição de inferioridade e como capazes de empreender mudanças em relação a esse estado de objetificação”.(ZOLIN, 2009, p. 222) Desta forma, as mulheres passam a ter consciência do estado em que vivem, não mais sendo personagens secundárias, mas heroínas nos romances.

A obra de Sand dedica-se a contar a história de **Indiana**, uma jovem que subsiste em um sistema que é repressor de sua individualidade. O prólogo sobre a protagonista se dá na relação com seu marido, em que **Indiana** é retratada como esposa de e não simplesmente como um indivíduo autônomo. O propósito de Sand é evidenciar a marginalização da mulher, uma vez que sua figura está devidamente atrelada à figura masculina. Sua existência, tendo em vista as mulheres da época, só é possível através do laço matrimonial.

Em 15 de maio de 1832, o Journal des débats anunciou o lançamento de **Indiana**. Distanciando-se da moda de seu tempo, George Sand se ligava ao romance realista, ela colocava sob evidência a situação da mulher dentro da família de 1830. A romancista abordava de maneira crítica um problema que não poderia deixar os leitores indiferentes: aquele do casamento e do adultério. (BORDAS, 2004, p. 172)

Sand aborda o tema de modo a efetivar seu discurso em meio a situações controversas e infames nas quais principalmente suas personagens femininas se encontram sob o pálio do patriarcado e leis que regem o comportamento feminino, revelando a angústia das mesmas.

Mas suas vagas e passageiras distrações não impediam que o Coronel, a cada tour de seu passeio, lançasse um olhar lúcido e profundo sobre os dois companheiros de sua velhice silenciosa, reportando de um a outro esse olhar atento que cobria há três anos um tesouro frágil e precioso, sua esposa. Pois sua esposa tinha dezenove anos, e si você houvesse a visto afundada sob o manto dessa vasta chaminé de mármore branco com cobre dourado; se você tivesse a visto, toda

franzina, toda pálida, toda triste, o cotovelo apoiado sobre o joelho, ela toda jovem, em meio a esse lugar antigo, ao lado de seu velho marido, semelhante a uma flor nascida ontem que cresce em um vaso gótico. (DUPIN, 1858, p. 16-17)

A beleza, a juventude e a fragilidade de **Indiana** são enaltecidas em primeiro nível; todavia, contempla-se em seu silêncio o tédio e a angústia. Criada por um pai violento, jamais conheceria a alegria e a afeição por parte de outra pessoa para consigo. Em que pese o isolamento e a dependência, **Indiana** é descrita como alguém resistente a tudo que busca oprimi-la.

Eu sei que sou sua escrava e você o meu senhor. A lei desse país vos faz meu dono. Você pode comandar meu corpo, prender minhas mãos, governar minhas ações. Você possui o direito do mais forte, e a sociedade confirma isso; mas sobre minha vontade, senhor, você não pode nada, somente Deus pode a curvar e reduzir. Procure uma lei, um calabouço, um instrumento de suplício que vos dê poder sobre mim! [...] Você pode me impor o silêncio, mas não pode me impedir de pensar. (DUPIN, 1858, p. 203-204)

Em que pese a obra estipule o estereótipo do homem mais velho, educado e experiente em detrimento da mulher mais jovem, ingênua e ignorante, a representação da mulher no romance de George Sand subverte os princípios da ideologia dominante, lançando a figura feminina em um contexto que desfaz as opressões e que lhe atribui o papel que lhe incumbe na sociedade.

Na primeira fase da narrativa, há uma **Indiana** totalmente inserida em um ambiente de passividade. **Indiana** é a personificação da mulher silenciada, que no entanto possui um intuito emancipatório, um discurso contestador da condição das mulheres no lar e no meio público; enfim, é a tipificação da mulher do século XIX. **Indiana** é uma mulher que não teve opções a seguir, a vida privada e o ambiente doméstico eram seu entorno.

A concepção da mulher, talhada especialmente para o privado (e incapaz para o público), é a mesma em quase todos os círculos intelectuais do final do século XVIII. [...] Esta é representada como o inverso do homem. É identificada por sua sexualidade e seu corpo, enquanto o homem é identificado por seu físico e energia. O útero define a mulher e determina seu comportamento emocional e moral. Na época, pensava-se que o sistema reprodutor feminino era particularmente sensível, e que essa sensibilidade era ainda maior devido à debilidade intelectual. As mulheres tinham músculos menos desenvolvidos e eram sedentárias por opção. A combinação de fraqueza muscular e intelectual e sensibilidade emocional fazia delas os seres mais aptos para criar os filhos. Desse modo, o útero definia o lugar das mulheres na sociedade como mães. O discurso dos médicos se unia ao discurso dos políticos. (HUNT, 1991, p. 50)

A forma com que a mulher é tratada na sociedade é apenas o alargamento daquilo que ocorre no âmbito doméstico. O que ocorre no meio privado é ilustrado pelo narrador como uma prisão que relega a existência da mulher à solidão e à obediência cega. Trata-se da imposição do patriarcado em manter a mulher em condição subalterna, condição essa que **Indiana** tinha ciência, eis que ela se rebelava aos limites impostos para si.

Desposando Delmare, ela apenas trocou de dono, vindo morar em Nagny, apenas trocou de prisão e de solidão. Ela não amava seu marido, pela única razão talvez que fazia amá-lo um dever e resistir mentalmente à toda espécie de limitação social havia se tornado para ela uma segunda natureza, um princípio de conduta, uma lei do consciente. Não haviam procurado prescrever à ela outra coisa a não ser a obediência cega. (DUPIN, 1858, p. 56)

Nela, não percebemos senão uma mulher que resiste à passividade através do adultério, lesando as leis e a moral. A resistência de **Indiana** recorda o que Beauvoir diz sobre a ingenuidade do homem “quando imagina que submeterá facilmente a mulher às suas vontades e a ‘formatará’ como quiser”. (BEAUVOIR, 1980, p. 224)

Consoante Zolin, as obras canônicas encarnavam a mulher enquanto a sedutora e imoral, a megera, a indefesa, a incapaz, dentre outras definições. “A representação da mulher como incapaz e impotente subjaz uma conotação positiva; a independência feminina vislumbrada na megera e na adúltera remete à rejeição e à antipatia”. (ZOLIN, 2009, p. 226) O discurso dessas mulheres sandianas que são porta-vozes da autora buscam romper com as práticas reguladoras impostas ao corpo pelo poder.

Zolin assevera que a crítica literária feminista [...] trabalha no sentido de interferir na ordem social. Trata-se de um modo de ler a literatura de modo confessadamente empenhado, voltado para a desconstrução do caráter discriminatório das ideologias de gênero, construída, ao longo do tempo, pela cultura<sup>1</sup>. (ZOLIN, 2009, p. 328)

Trazendo um olhar feminino sobre a condição da mulher, Sand traça sua crítica à sociedade patriarcal, colocando suas personagens em um contexto que explana a situação de submissão em que viviam, ao mesmo tempo em que denota a resistência de mulheres conscientes e combativas, rompendo com a mulher silenciada na sociedade patriarcal, que rompe com a normatização imposta ao seu corpo e subjetividade, transformando a mulher objeto em mulher-sujeito.

---

<sup>1</sup> Ibidem, 2009, p. 328.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- BORDAS, Éric. **Indiana, de George Sand**. Saint-Amand: Gallimard, 2004.
- CARO, Elme M. **George Sand**. Paris: Librairie Hachette & Cie., 1887.
- DIDIER, Béatrice. **George Sand écrivain. Un grand fleuve d'Amérique**. Paris: Presses Universitaires de France, 1998.
- DUARTE, Constança DUARTE, Eduardo A. BEZERA, Katia C. **Gênero e representação: teoria, história e crítica**. Belo Horizonte: UFMG, 2002.
- DUPIN, Amandine. **Correspondance 1812-1876**. T. 2. Paris: Calmann-Lèvy, 1883.
- DUPIN, Amandine. **Histoire de ma vie**. Vol. IV. Paris: Calmann Lèvy Éditeur, 1876.
- DUPIN, Amandine. **Indiana**. Paris: Michel Lèvy Frères Libraires-Éditeurs, 1858.
- FLEURY, Jean. **Histoire élémentaire de la littérature française**. Petersburgo; Moscou, Tous les Libraires, 1871.
- GARCIA, Andrea. La correspondencia en femenino de George Sand: la marca del género gramatical em la traducción del francés al español. **Transfer**, Barcelona, Vol. XV, n. 1-2, 2020, p. 389-411.
- HUNT, Lynn. Revolução Francesa e Vida Privada. In: Perrot, Michelle. **História da vida na privada, 4: Da Revolução Francesa à Primeira Guerra**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p. 50-70.
- LEMAIRE, Ria. Repensando a história literária. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de. **Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 58-71.
- PAIXÃO, Sylvia. **A fala-a-menos: a repressão do desejo na poesia feminina**. Rio de Janeiro. Ed.: Numen, 1991
- PERROT, Michelle. **Les femmes ou les silences de l'histoire**. Paris: Flammarion, 1998.
- PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2007.
- PICARD, Roger. George Sand, romancista social. In: **El romanticismo social**. México; Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1947.
- TELLES, Norma. Autora+a. In: JOBIM, Luiz. **Palavras da crítica**. Rio de Janeiro: Imago, 1992. p. 45-63.
- ZINANI, Cecil Jeanine Albert. Crítica feminista: uma contribuição para a história da literatura. In: **SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA DA LITERATURA**, 9., 2012, Porto Alegre. *Anais eletrônicos*. Porto Alegre: Edipucrs, 2012. p. 407-415. Disponível em: <<http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/Ebooks/Web/978-85-397-0198-8/Trabalhos/18.pdf>>. Acesso em: 10 jun 2020.